

**Vulnerabilidade Urbana e Desenvolvimento Socioeconômico:
Estação de Pesquisa Aplicada M'Boi
Eixo de Microfinanças**

Coordenador: Lauro González;

Pesquisadores responsáveis:

Carolina Bernardes Scheidecker, Caio Momesso, Arthur Santos e Beatriz Ramos

Oficinas de História Oral

Metodologia

A abordagem da História Oral, desenvolvida com o Banco Autogestão teve por objetivo geral retomar a história da implementação política a partir da trajetórias e perspectivas individuais. Essa metodologia consiste em um modelo de dinâmica facilitado pelos pesquisadores, no qual se articulam pequenos grupos que compartilham memórias individuais sentimentos, lembranças e aprendizados sobre um evento ou um processo, no caso, a experiência dos Banco Autogestão, no sentido de tentar elaborar uma história coletiva.

Foram 3 oficinas realizadas nos dias 06/10/2018, 03/11/2018 e 10/11/2018, nas quais participaram quatro mulheres: a atual gestora da Casa de Cultura, e três bolsistas que trabalharam no Banco em diferentes fases de sua existência, o que nos possibilitou analisar a política com algum grau de continuidade e coesão. As oficinas foram desenvolvidas nas reuniões semanais da equipe e contaram com atividades que visavam facilitar a reconexão das participantes com a sua memória como por exemplo a construção de uma linha do tempo individual que as contasse a dimensão coletiva do Banco, a experiência de narrar um dia no Banco Autogestão, uma análise na matriz FOFA - para avaliar qualitativamente o processo de implementação da política pública especificamente no contexto da Casa de Cultura do Jardim São Luís.

É importante ressaltar que as Oficinas foram construídas pela equipe, tendo em vista o objetivo central como eixo maior, mas também tentando contemplar aquilo que era percebido como demandas das mulheres que participaram das Oficinas. Desse modo, os objetivos específicos de cada encontro foram sendo delineados ao longo do processo.

Objetivos Específicos das Oficinas

Oficina 1 (06/10) - Objetivos:

- Ressignificar a visão coletiva do Banco Comunitário Autogestão a partir das trajetórias individuais das mulheres que compõe a sua história;
- Identificar outros motivos pelo qual as coisas para os eventos de sucesso e fracasso.

Oficina 2 (03/11) - Objetivos:

- Retomar a importância da trajetória individual para a construção da trajetória do Banco Autogestão;
- Discutir as possíveis diferenças entre a teoria sobre Bancos Comunitários e o que foi o Banco Autogestão na prática.

Oficina 3 (10/11) - Objetivos:

- Avaliar a política da SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária) e sua implementação na experiência do Banco Autogestão;
- Celebrar e valorizar os conhecimentos adquiridos.

Resultados

De forma geral, conseguimos acessar algumas referências e laços sociais que se estabelecem na Casa de Cultura do Jardim São Luís, de modo a entender elementos do funcionamento do Banco Autogestão. Na primeira oficina desenvolvemos como as histórias individuais se cruzavam com a Casa de Cultura; na segunda, nos aproximamos do significado dos conceitos “banco” e “comunidade” para cada uma; por fim, na terceira discutimos aspectos organizacionais do Banco utilizando a tabela FOFA. Serão apresentados alguns resultados preliminares da investigação, ressaltando que os dados coletados ainda estão em processo de análise.

Entendemos a importância da questão da formação do corpo técnico para execução da política. Como levantado pelas próprias trabalhadoras do Banco, houve uma carência de formação técnica para a apreensão de conceitos essenciais como *economia solidária* e *banco comunitário de desenvolvimento*, bem como uma baixa capacidade de tomada de decisão por conta do desconhecimento do sistema de juros, empréstimos e ampliação da base de moeda social. Nesse sentido, entramos nos méritos avaliativos da política pública.

Outro aspecto importante de ser levantado são os mecanismos de controle e suporte oferecidos pelo Estado e pela Rede de Bancos Comunitários para as organizações participantes. A baixa capacidade de acompanhamento de resultados e articulação entre as unidades de Bancos Comunitários dificultou o replanejamento da política nos pontos que necessitavam de reajustes.

Quanto à inserção do Banco na comunidade, relatou-se diversas vezes a dificuldade de acesso aos comerciantes e a construção de laços de confiança que possibilitasse o estabelecimento de fluxos econômicos solidários entre os atores. Uma das hipóteses a serem investigadas se trata da não adequação do modelo de Banco Comunitário de Desenvolvimento

idealizado pela política pública e o contexto social da periferia paulistana, conflitando diretamente nas áreas de acesso ao sistema de bancos formais, características físicas e culturais da região, além do deslocamentos de atores entre periferia e centro econômico da cidade.

Houve também um levantamento sobre as transformações organizacionais da Casa de Cultura no seu desenvolvimento histórico, tendo acesso a novos projetos e parcerias, implicando na formalização da organização - que teve seu início como movimento popular de Luta por Moradia. Foram levantados episódios relevantes de alteração na trajetória no sentido da profissionalização da gestão e das contratações para possibilitar o ganho de financiamento a fim de sediar projetos de fontes externas à comunidade. Consideramos o caso uma possibilidade interessante de análise sobre desenvolvimento institucional e *path dependence* dentro do campo de movimentos sociais.